



ALÉM DA BARONESA: O CONTEXTO DO TRABALHO FEMININO DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL

RAFAELA GARCIA GIMENES¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – rafaelagimenes3@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Pesquisa “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas” é desenvolvido no Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. O projeto de pesquisa articula três projetos de extensão que estão ativos atualmente: “Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas”, “Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para antropólogos(as) em formação” e “Mapeando a noite: o universo travesti”.

O Projeto Margens, em 2020, realizou a exposição digital “Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”, em parceria com a Bibliotheca Pública de Pelotas. O objetivo da exposição foi dar visibilidade a grupos que habitam a cidade de Pelotas, por meio de narrativas das periferias, comunidades negras, dos Terreiros, da comunidade LGBTQIA+ e de mulheres trabalhadoras. Estas últimas foram foco no módulo da exposição denominado “Além da Baronesa”.

O projeto de extensão “Mapeando a noite”, responsável pelo módulo do trabalho feminino, foi criado em 2016, com o objetivo de entender o universo de travestis, transexuais e mulheres cisgêneras na prostituição, refletindo suas formas de habitar a cidade. Mas, posteriormente, as atividades ampliaram-se para abranger também outros grupos, como as mulheres trabalhadoras de modo geral e comunidades LGBTQIA+. Assim, surgiu o módulo “Além da Baronesa”, para dar visibilidade às narrativas dessas trabalhadoras, para investigar como o isolamento social afetou suas rotinas e entender como estas enxergam a cidade nessa realidade.

2. METODOLOGIA

O processo foi totalmente digital, por meio de reuniões semanais online, onde cada grupo, cada equipe dos projetos vinculados ao Margens, foi responsável por uma parte da exposição, um módulo, uma Aba. Para a elaboração do Módulo “Além da Baronesa” foram utilizadas diferentes metodologias de forma a acionar o diálogo com as mulheres trabalhadoras de Pelotas e região. A princípio, foram selecionadas notícias com relação ao trabalho feminino durante a pandemia, mas no decorrer das pesquisas, achamos necessário trazer também reportagens que apontam o crescente índice de violência doméstica durante o isolamento, um exemplo é o conteúdo mostrando pela rede de apoio formada por mulheres contra a violência doméstica.

Também, foi elaborado um questionário no grupo da UFPel e redes sociais, com perguntas, tanto acerca da profissão, como se elas estão trabalhando durante a pandemia e de que forma o isolamento afetou suas rotinas. Como também, sobre como veem a cidade nesse contexto e suas expectativas pós-pandemia.

Ainda foi realizada uma chamada de artistas, feita de duas maneiras: diretamente com artistas conhecidas do grupo e foi divulgada uma chamada nas redes sociais, Facebook e Instagram. As chamadas foram convidando-as para expor seus trabalhos em nossa exposição, de forma a dar visibilidade ao maior número de mulheres artistas e obras possível.

O “Além da Baronesa” foi dividido em três categorias. Na aba “Sobre elas” foram feitas colagens a partir das respostas do formulário. A pergunta pessoal foi “Que Pelotas é essa durante a pandemia?”, ou seja, o significado da cidade nesse contexto. Mas também constam no questionário questões relacionadas ao trabalho, com o intuito de descobrir como esse contexto afetou a rotina dessas trabalhadoras, além de descobrir o significado da cidade para cada uma.

A aba “Por elas” foi destinada à seleção de reportagens sobre a violência doméstica, desigualdade de gênero e a realidade das trabalhadoras durante a pandemia. Os dados levantados estão retratados tanto por meio de colagens (onde se tem acesso ao link da notícia), como também por meio de áudios gravados pela equipe organizadora com falas das trabalhadoras. Nesta mesma aba, também está inclusa uma homenagem da Mestra Griô Sirley Amaro. O contato com Sirley, que atua desde 2016 como interlocutora do Projeto de Pesquisa Margens, se deu a partir de ligações, onde pedimos para que ela gravasse um áudio contando sobre as suas vivências como costureira, já que ela exerce este ofício desde os 13 anos de idade. Ela então decidiu construir esta narrativa, iniciando com a marchinha “A costura e a Cultura”, que é uma de suas composições, para depois contar a sua história. E assim foi pensada, pela Mestra Griô, a homenagem às trabalhadoras de Pelotas. Este áudio foi enviado pela mesma à equipe responsável pelo módulo das trabalhadoras, via Whatsapp. Ao mesmo tempo, esta também foi uma forma que encontramos de criar uma relação de cuidado e apoio, além de conversar com a Mestra Griô, que está em isolamento social neste momento de pandemia. Desse modo, ela pode continuar participando de nossas ações. Porém, desta vez, sua atuação foi de forma virtual e sem sair de casa.

A aba “Elas” é o espaço destinado para à exposição do trabalho das artistas, onde a convidamos para expor qualquer tipo de obra, junto de um pequeno texto de apresentação e um resumo apresentando a obra.

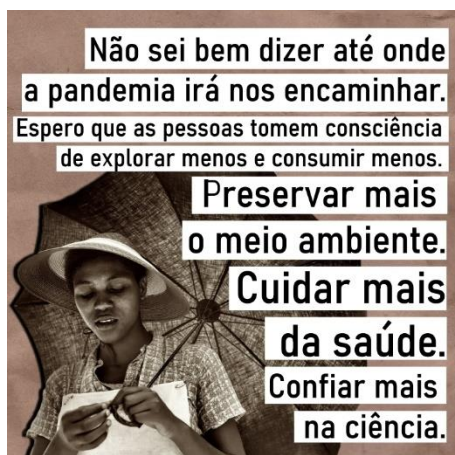
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aba “Sobre elas” apresenta os resultados do questionário aplicado nas redes sociais. As respostas mostram que o isolamento reduziu jornadas de trabalho em 41,7% das participantes, as trabalhadoras estão tendo dificuldade na adaptação ao home office, algumas perderam o emprego em meio à pandemia e não tem uma expectativa profissional positiva. Mas também uma parcela menor conseguiu ter mais tempo para dedicar ao trabalho. “

Estou isolada desde março. No início tive pesadelos horríveis onde o centro histórico era bombardeado, estava em ruínas. Depois de tanto tempo sem acessá-lo parece nebuloso na minha fantasia.
(MARGENS, 2020)

A maioria das participantes vê muita movimentação nas ruas e um despreparo da cidade para lidar com as instruções da Organização Mundial da Saúde. As expectativas para o futuro, em sua maioria, são negativas. Embora o alcance tenha sido limitado, conseguimos coletar dados interessantes que nos possibilitam pensar o trabalho feminino na cidade.

Colagem com resposta do formulário na aba “Por elas”



Fonte: Site da exposição

A aba “Por elas” ressalta a importância da valorização do trabalho feminino a partir de reportagens. Uma das reportagens, por exemplo, aponta que a violência doméstica aumentou 44,9% durante a pandemia. Assim como também consta o relato de uma enfermeira Pelotense, que afirma que “Respiro Coronavírus 24 horas por dia” dando visibilidade para aquelas mulheres que estão na linha de frente da crise do COVID 19.

A Mestra Griô Sirley Amaro contribui com uma homenagem à todas as trabalhadoras. Cantando uma marcha que ela mesmo construiu, Sirley começa contando sua história na costura, desde a época da escola, onde no primeiro ano já dava seus primeiros pontos nos bordados, até a escola de costura, em Porto Alegre. Já em Pelotas, trabalhou em um ateliê de Alta Costura e em seguida, estudou enfermagem. Voltando aos bordados, relatou sobre as roupas produzidas para o dia das eleições. Alguns anos depois, passou a costurar para blocos carnavalescos.

É neste módulo também que estão inclusos os áudios produzidos pela equipe organizadora acerca da violência doméstica, da realidade das trabalhadoras da área da saúde, trabalhadoras sexuais e demais áreas.

Eu não estou conseguindo ficar em casa. Na semana passada conversei com ela, porque vi que minhas colegas já estavam sendo dispensadas. Pedi para tirar o restante das minhas férias, mas ela disse que não poderia me liberar agora, só daqui a uma ou duas semanas. Só que eu fico muito preocupada porque meu marido está no grupo de risco. (O GLOBO *in* MARGENS 2020).

Embora tenhamos ciência das desigualdades de gênero e dos números crescentes da violência doméstica, é sempre um choque quando nos deparamos com essas notícias e ouvimos os relatos destas mulheres. E mais do que o choque, procuramos trazer este debate para a população.

Na aba “Elas” estão inclusas fotografias, colagens, desenhos, pinturas, entre outros feitas por artistas diversas. Em sua maioria, essas obras falam sobre a cidade, corpo e território. Tivemos um retorno positivo das artistas, não só agradecendo pela oportunidade, mas também nos ajudando com a divulgação da exposição. Como exemplo, citamos a colagem “Cuerpo Decolonial”, de Dhara Carrara, mostra uma reflexão da artista sobre o espaço feminino na cidade.



Também as fotografias de Juliana Flor, que retratam a periferia e a zona rural de Jaguarão, bem como, a ponte internacional Mauá a partir de Rio Branco e outra em Palmas, Bagé. Ainda um poema que reflete o afeto durante a pandemia.

Assim, todas as ações buscaram pôr em prática a ideia da exposição, de dar visibilidade a esses grupos em processos exclusão, construindo o projeto em conjunto com cada grupo. Mas além disso, trocar informações com pessoas para além da universidade.

Antes e após o lançamento da exposição foi elaborado um cronograma de postagens com horários e dias marcados, de forma a divulgar as diferentes abas. A divulgação foi feita pelas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Utilizamos os mais variados formatos, imagens, vídeos nos stories das equipes organizadoras chamando a comunidade para prestigiar cada módulo, colagens e lives. Sempre unindo recursos de divulgação visual e um texto explicando a parte da exposição selecionada para aquela data. Bem como, como o restante da exposição, foi um trabalho conjunto da equipe, onde cada pessoa contribuiu como podia, seja elaborando textos, stories ou colagens.

Ademais, cada pergunta que recebemos em nossas redes acerca da exposição, foi devidamente respondida. O retorno em nossas redes foi muito positivo, onde recebemos comentários como: “a exposição é importante e necessária no processo de desconstrução”, “Trabalho lindo, importante e muito necessário”, e “A exposição está incrível!”.

A exposição foi ao ar dia 18 de agosto, em menos de um mês já temos quase 6 mil visualizações.

4. CONCLUSÕES

Não só a exposição, mas todo o projeto, está contribuindo muito para minha formação como licencianda em Ciências Sociais. Todo o conhecimento sobre os grupos em processos de exclusão abordados na exposição será fundamental para minha vida profissional e para articulações em sala de aula. Ademais, a experiência de fazer parte de uma etnografia virtual coletiva será fundamental para aprofundar meus saberes sobre a antropologia em Ciências Sociais.

Como entrei, teoricamente, no meu terceiro semestre, não tinha noção de como seria participar de um projeto de extensão. Mas estou aprendendo com o “Margens” que a extensão se faz em conjunto com os grupos, com a comunidade. Como é possível unir a pesquisa à extensão e ao ensino. O “Mapeando a noite” fala muito sobre visibilidade e informação, para dentro e fora da universidade. É benéfico para os grupos em processos de exclusão abordados, para quem está organizando e para a comunidade em geral.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARGENS. **Patrimônios Invisibilizados: Para Além Dos Casarões, Quindins E Charqueadas.** UFPEL, 2020. Página Inicial. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/margens/>>. Acesso em: 24 de Agosto de 2020.